

“A AFRODESCENDÊNCIA TAMBÉM SE FALA”: RASTROS DAS LÍNGUAS ANGOLANAS DE ORIGEM AFRICANA NO PORTUGUÊS DA BAHIA: ANÁLISE DAS NARRATIVAS DE IDENTIDADE NEGRA¹

Rebeca Crislange César Santos²

RESUMO

O presente trabalho investiga a presença de rastros das línguas angolanas no português falado na Bahia, analisando de que forma esses elementos linguísticos se relacionam com as narrativas de identidade negra e com a preservação da memória afrodescendente. Parte-se da compreensão de que a língua constitui um espaço de memória, pertencimento e resistência cultural, sendo também um importante instrumento de transmissão de heranças históricas e culturais. A pesquisa busca responder em que medida a presença de elementos linguísticos angolanos no português da Bahia revela formas de afrodescendência historicamente invisibilizadas pelas narrativas tradicionais sobre identidade negra. O objetivo geral consiste em analisar como os vestígios das línguas angolanas presentes no português da Bahia constituem expressões da afrodescendência e da memória da diáspora africana. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e exploratória, complementada pela análise de 30 trabalhos acadêmicos disponíveis em repositórios de universidades brasileiras, sendo 10 teses, 10 dissertações e 10 monografias. O estudo fundamenta-se nos pressupostos da Sociolinguística, da Lexicologia, do contato linguístico e dos estudos afro-brasileiros. A análise dos dados evidencia que o léxico de origem angolana permanece vivo na variedade baiana do português, especialmente em campos semânticos relacionados à culinária, à musicalidade, à religiosidade, à afetividade e à oralidade popular. Além disso, os participantes demonstram diferentes níveis de reconhecimento dessas heranças linguísticas, revelando que tais vocábulos funcionam como marcadores identitários e formas de resistência cultural. Conclui-se que a influência das línguas angolanas ultrapassa o campo lexical, constituindo parte fundamental da formação histórica, cultural e sociolinguística do português brasileiro e da construção da identidade afrodescendente na Bahia.

Palavras-chave: lexicologia; língua portuguesa – africanismos; negros – identidade racial; falantes da língua de herança – Bahia.

ABSTRACT

This study investigates the presence of traces of Angolan languages in the Portuguese spoken in the state of Bahia, Brazil, examining how these linguistic elements are related to narratives of Black identity and the preservation of Afro-descendant memory. It is based on the understanding that language constitutes a space of memory, belonging, and cultural resistance, as well as an important means of transmitting historical and cultural heritage. The study seeks to answer the following research question: to what extent does the presence of linguistic elements of Angolan origin in Bahian Portuguese reveal forms of Afro-descendant heritage that have historically been rendered invisible by traditional narratives of Black identity? The general objective is to analyze how traces of Angolan languages preserved in the Portuguese spoken in Bahia constitute expressions of Afro-descendant heritage and the memory of the African diaspora. Methodologically, this is a qualitative, bibliographical, and exploratory study, complemented by the analysis of 30 academic works available in the institutional repositories of Brazilian universities, comprising 10 doctoral theses, 10 master's dissertations, and 10 undergraduate theses. The study is grounded in the theoretical assumptions of Sociolinguistics, Lexicology, language contact studies, and Afro-Brazilian studies. The findings demonstrate that the lexicon of Angolan origin remains present in the Bahian variety of Portuguese, particularly in semantic fields related to cuisine, music, religion, affectivity, and popular oral traditions. Furthermore, the participants displayed different levels of awareness of this linguistic heritage, indicating that these lexical items function as markers of identity and forms of cultural resistance. It is concluded that the influence of Angolan languages extends beyond the lexical domain and constitutes a fundamental component of the historical, cultural, and sociolinguistic development of Brazilian Portuguese, as well as of the construction of Afro-descendant identity in Bahia.

Keywords: lexicology; Portuguese language – africanisms; black people – racial identity; heritage language speakers – Bahia.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre Antônio Timbane.

² Graduanda no curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa pela UNILAB Campus dos Malês.

1 INTRODUÇÃO

A formação histórica e cultural do Brasil está profundamente vinculada à presença africana, especialmente à contribuição dos povos oriundos da África Centro-Ocidental. Nesse contexto, Angola ocupa lugar de destaque por ter sido uma das principais regiões africanas de origem, dos escravizados trazidos compulsoriamente para o território brasileiro. Angola localizada na costa ocidental do continente africano e é banhada pelo Oceano Atlântico. O país manteve, ao longo de mais de três séculos, intensas relações com o Brasil, sobretudo com a Bahia, o que se consolidou como um dos principais territórios de entrada de africanos escravizados entre os séculos XVI e XIX (Reis; Gomes, 1996).

Entretanto, o legado africano na sociedade brasileira não se restringe aos aspectos demográficos ou econômicos decorrentes do tráfico atlântico. Milhões de homens e mulheres africanos transportaram consigo conhecimentos, práticas religiosas, manifestações culturais, formas de organização social e, principalmente, suas línguas. Essas línguas foram proibidas ao chegar no Brasil devido a estratégia colonial da potencialização do português. Nisso se inclui as línguas indígenas que também foram rechaçadas e proibidas. Entre os diversos grupos linguísticos da África que chegaram ao Brasil, destacam-se as línguas do grupo bantu, especialmente o kimbundu, o umbundu e o kikongo, faladas em diferentes regiões de Angola e responsáveis por significativa influência na constituição do português brasileiro, particularmente na variedade linguística falada na Bahia (Castro, 2001; Castro, 2005).

A língua, compreendida como fenômeno histórico, social e cultural, constitui um importante espaço de preservação da memória coletiva. Por meio dela, permanecem registradas experiências históricas, relações de poder, processos de resistência e formas de pertencimento social. No caso do português brasileiro, especialmente em regiões marcadas pela forte presença africana, como a Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Maranhão e Alagoas, observa-se a permanência de inúmeros elementos lexicais provenientes das línguas africanas. Tais marcas manifestam-se em diferentes campos semânticos, incluindo a culinária, a musicalidade, a religiosidade, a afetividade e a oralidade popular, evidenciando a profundidade das contribuições africanas para a constituição da identidade linguística brasileira.

A Bahia apresenta-se como espaço privilegiado para a investigação dessas influências em razão de sua centralidade histórica no processo de diáspora africana. Salvador, em particular, consolidou-se como um dos mais importantes centros de circulação e preservação das culturas africanas no Brasil, mantendo vivas tradições que dialogam diretamente com as heranças culturais e linguísticas trazidas pelos povos africanos. Apesar disso, as contribuições

africanas para a formação do português brasileiro foram, durante muito tempo, invisibilizadas por perspectivas historiográficas e linguísticas marcadas pelo eurocentrismo, que privilegiaram as matrizes europeias em detrimento das influências africanas e indígenas.

Diante desse contexto, este estudo busca responder à seguinte problemática: em que medida a presença de elementos linguísticos angolanos no português da Bahia revela formas de afrodescendência historicamente invisibilizadas pelas narrativas tradicionais sobre identidade negra? Parte-se da hipótese de que o léxico de origem angolano permanece vivo no português falado na Bahia, sobretudo em campos semânticos relacionados à culinária, à musicalidade e à oralidade popular, tendo passado por processos de adaptação fonética, morfológica e semântica ao longo do tempo. Além disso, considera-se que a permanência desses vocábulos constitui uma importante forma de preservação da memória afrodescendente e de resistência cultural.

O objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar como os vestígios das línguas angolanas presentes no português da Bahia constituem expressões da afrodescendência e da memória da diáspora africana. Como objetivos específicos, busca-se (i) identificar vocábulos de origem angolana presentes na fala baiana, (ii) investigar o reconhecimento dessas heranças linguísticas pelos falantes, (iii) compreender os processos de manutenção e transformação desses léxicos e (iv) discutir a língua como espaço de preservação da memória afro-diaspórica e de construção das identidades negras.

A relevância deste estudo fundamenta-se na necessidade de ampliar a visibilidade das contribuições africanas para a formação da sociedade brasileira, sobretudo por meio das influências linguísticas e para a constituição do português falado no país. Ao investigar a permanência de vocábulos de origem angolana na Bahia, pretende-se não apenas identificar heranças linguísticas, mas também compreender como a linguagem atua na preservação da memória histórica, na afirmação da afrodescendência e na construção de identidades negras. Dessa forma, a pesquisa contribui para os estudos sociolinguísticos, lexicológicos e culturais, ao evidenciar que a língua ultrapassa sua função comunicativa e constitui um importante instrumento de preservação histórica, de memória, resistência cultural e pertencimento social.

Este artigo está organizado em quatro seções. A primeira, apresenta uma contextualização histórica da presença indígena, portuguesa e africana na Bahia. A segunda, discute a situação sociolinguística de Angola e suas principais línguas. A terceira, aborda os fundamentos teóricos relacionados ao léxico, ao contato linguístico e à formação do português da Bahia. A quarta seção apresenta os procedimentos metodológicos e análise das discussões teóricas por se tratar de uma pesquisa bibliográfica. Por fim, são apresentadas as considerações finais e as referências utilizadas na pesquisa.

2 A FORMAÇÃO HISTÓRICA E CULTURAL DA BAHIA: ENCONTROS ENTRE POVOS E LÍNGUAS

2.1 A PRESENÇA DOS AFRICANOS NA BAHIA: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A compreensão da influência das línguas angolanas no português da Bahia exige, necessariamente, uma análise histórica dos processos de ocupação, colonização e circulação populacional que marcaram a formação social da Bahia. A língua não se desenvolve de forma isolada, mas encontra-se diretamente relacionada aos acontecimentos históricos, às relações de poder, às disputas culturais e aos processos de resistência construídos pelos diferentes grupos sociais. Nesse sentido, o português falado na Bahia constitui resultado do contato entre distintas matrizes culturais e linguísticas que participaram da formação da sociedade brasileira.

A Bahia ocupou posição estratégica durante o período colonial. Salvador, primeira capital do Brasil, consolidou-se como um dos principais centros administrativos, econômicos e comerciais da colônia portuguesa. Essa centralidade favoreceu a intensa circulação de pessoas, mercadorias, culturas e línguas. Entre os séculos XVI e XIX, o território baiano recebeu expressivos contingentes de africanos escravizados oriundos, sobretudo, da África Centro-Ocidental, com destaque para as regiões correspondentes à atual Angola e ao Congo (Reis; Gomes, 1996).

Segundo Castro (2001), a forte presença de povos africanos do grupo bantu exerceu influência significativa na constituição cultural e linguística da Bahia. A autora afirma que a influência africana não se restringe ao vocabulário, alcançando também outros níveis da língua, uma vez que: "a influência africana não se restringe ao vocabulário, mas alcança aspectos fonéticos, sintáticos, semânticos e discursivos da língua portuguesa falada no Brasil" (Castro, 2001, p. 43). Dessa forma, as contribuições das línguas africanas podem ser observadas não apenas no léxico, mas também nas práticas religiosas, na musicalidade, na culinária e em diversas manifestações culturais afro-brasileiras.

Esse intenso fluxo populacional transformou a Bahia em um dos principais espaços de preservação das heranças africanas no Brasil colonial e pós-colonial. Contudo, é importante destacar que os africanos trazidos para o Brasil não constituíam um grupo homogêneo. Eram indivíduos pertencentes a diferentes povos, etnias, tradições culturais e comunidades linguísticas. Esses escravizados falavam principalmente línguas das **famílias Khoisan e Níger-Congo** e pertenciam a diferentes grupos étnicos africanos. Essa diversidade contribuiu para a formação de um cenário multilíngue na Bahia colonial, favorecendo processos de contato,

adaptação e transformação linguística.

Reis e Gomes (1996) destacam que a presença africana na Bahia ultrapassou a condição de mão de obra escravizada. Os africanos e seus descendentes desempenharam papel fundamental na construção econômica, urbana, religiosa e cultural da sociedade baiana. Além disso, foram responsáveis pela transmissão de conhecimentos agrícolas, práticas medicinais, técnicas artesanais, manifestações musicais e tradições religiosas que permanecem presentes na cultura brasileira contemporânea.

A cidade de Salvador consolidou-se como um dos principais espaços de preservação das culturas africanas no Brasil. Mesmo diante das violências impostas pelo sistema escravista, os africanos e seus descendentes desenvolveram estratégias de resistência cultural que possibilitaram a manutenção de práticas religiosas, linguísticas e identitárias ao longo das gerações. Conforme assinala Munanga (2004), a herança africana deve ser compreendida não apenas em sua dimensão biológica, mas também como patrimônio histórico e cultural transmitido entre gerações.

Dessa maneira, compreender os rastros linguísticos angolanos presentes no português da Bahia significa reconhecer a centralidade da população negra na construção histórica da Bahia e do Brasil. Mais do que simples empréstimos lexicais, os vocábulos de origem africana constituem marcas da memória coletiva, da resistência cultural e da permanência da afrodescendência na linguagem cotidiana dos falantes baianos. Estudos de Fiorin e Petter (2008), Petter (2015), Galves, Garmes e Ribeiro (2009) ilustram por meio de exemplos, como a presença africana foi importante para formação da variedade brasileira de português. Dessa maneira, compreender os rastros linguísticos angolanos presentes no português da Bahia significa reconhecer a centralidade da população negra na construção histórica da Bahia e do Brasil. Mais do que simples empréstimos lexicais, os vocábulos de origem africana constituem marcas da memória coletiva, da resistência cultural e da permanência da afrodescendência na linguagem cotidiana dos falantes baianos.

2.2 BREVE HISTÓRIA DA PRESENÇA INDÍGENA NA BAHIA

A presença indígena na Bahia antecede em muitos séculos a chegada dos portugueses ao território que posteriormente seria denominado Brasil. Antes do início do processo colonial, a região já era habitada por diversos povos indígenas que possuíam formas próprias de organização social, política, econômica, cultural e linguística. Esses grupos estabeleceram relações profundas com o meio ambiente, desenvolvendo sistemas agrícolas, conhecimentos

medicinais e práticas culturais que contribuíram significativamente para a formação da sociedade brasileira.

Entre os povos indígenas presentes na Bahia destacavam-se os Tupinambás, Tupiniquins, Pataxós, Aimorés, Kiriris e diversos grupos pertencentes ao tronco linguístico Macro-Jê. Os Tupinambás ocupavam grande parte do litoral baiano e desempenharam papel fundamental nos primeiros contatos com os europeus. Segundo Oliveira (2016), os povos indígenas da Bahia organizavam-se em aldeias estruturadas por redes de parentesco, alianças políticas e relações de troca. A agricultura baseada no cultivo da mandioca, do milho e do feijão garantia relativa estabilidade alimentar, sendo complementada por atividades de pesca, caça e coleta.

Com a chegada dos portugueses em 1500 e, posteriormente, com a consolidação do projeto colonial ao longo do século XVI, os povos indígenas passaram a enfrentar processos sistemáticos de exploração, escravização e expropriação territorial. A fundação da cidade de Salvador, em 1549, intensificou o avanço colonial sobre os territórios indígenas. Nesse contexto, os missionários jesuítas desempenharam papel relevante na implementação dos aldeamentos e na catequização das populações indígenas. Embora justificadas sob argumentos religiosos, essas práticas também funcionavam como mecanismos de controle social e cultural. Conforme observa Ribeiro: “a catequese foi um dos principais instrumentos utilizados para a integração forçada dos indígenas à ordem colonial” (Ribeiro, 1995, p. 114).

Apesar das inúmeras violências sofridas, os povos indígenas desenvolveram diferentes estratégias de resistência, incluindo deslocamentos territoriais, enfrentamentos armados, preservação de práticas culturais e reorganização comunitária. Atualmente, diversas comunidades indígenas permanecem presentes na Bahia, lutando pela garantia de seus territórios, pela valorização de suas culturas e pela preservação de suas línguas.

A influência indígena na formação cultural baiana permanece evidente em diversos aspectos da vida social, especialmente na culinária, na medicina popular, nos costumes e na linguagem. Essa herança pode ser observada de forma expressiva na toponímia regional. Diversos municípios, bairros, rios e localidades da Bahia possuem nomes originários das línguas indígenas, evidenciando a permanência dessas marcas linguísticas no território brasileiro. Exemplos como Itapuã, do tupi ita'puã (pedra que ronca); Paripe, de pari-pe (rio das águas rasas); e Ipitanga, de y-pytanga (água vermelha), demonstram a contribuição das línguas indígenas para a nomeação dos espaços geográficos baianos.

Além dos topônimos, inúmeras palavras de origem indígena permanecem incorporadas ao português brasileiro, sobretudo em campos semânticos relacionados à fauna, à flora e à

alimentação. Entre elas destacam-se abacaxi, originária do tupi *ibá cati* (fruta cheiros); pipoca, derivada do tupi *pĩ'poka* (milho estourado); jacaré, proveniente de *îakaré*; e mandioca, oriunda de *mani'oka*, termo associado à raiz amplamente utilizada na alimentação indígena e brasileira. Essas palavras demonstram a permanência das contribuições indígenas na constituição do léxico do português brasileiro.

Segundo Rodrigues (2013), o território brasileiro abrigava, no período anterior à colonização europeia, mais de 1.500 línguas indígenas. Contudo, em decorrência dos processos de colonização, das políticas de repressão linguística e das constantes violências sofridas pelos povos originários, muitas dessas línguas desapareceram ao longo dos séculos. O autor destaca que: “a maior parte das línguas indígenas faladas no Brasil foi extinta em consequência dos processos históricos de ocupação territorial e assimilação cultural” (Rodrigues, 2013, p. 37).

Atualmente, estima-se que cerca de 180 línguas indígenas permaneçam em uso no território brasileiro, constituindo importante patrimônio histórico, cultural e linguístico do país (Rodrigues, 2013). Dessa forma, compreender a presença indígena na Bahia é fundamental para analisar a formação histórica, cultural e linguística da região. As contribuições dos povos originários permanecem vivas não apenas nos costumes e práticas culturais, mas também na língua portuguesa falada no Brasil, evidenciando que a diversidade linguística constitui elemento central da identidade nacional.

2.3 A CHEGADA DOS COLONIZADORES EUROPEUS E A PRESENÇA AFRICANA NA BAHIA

A chegada dos portugueses ao território brasileiro, em 1500, inaugurou profundas transformações políticas, econômicas, sociais e culturais. O processo de colonização portuguesa estruturou-se a partir da exploração econômica do território, da ocupação das terras indígenas e da utilização compulsória da mão de obra indígena e africana. Além dos portugueses, outros grupos europeus, como franceses e holandeses, também disputaram territórios e interesses comerciais na América Portuguesa, contribuindo para os conflitos coloniais e para a reorganização política e econômica da colônia (Costa, 1992).

A Bahia rapidamente consolidou-se como um dos principais centros da colonização portuguesa na América. Com a instalação do Governo-Geral em Salvador, em 1549, a cidade tornou-se a primeira capital do Brasil e passou a exercer papel estratégico na administração colonial portuguesa. Segundo Oliveira (2016), Salvador transformou-se em importante núcleo político, econômico e comercial, funcionando como ponto central de circulação de pessoas,

mercadorias, culturas e línguas durante o período colonial.

Inicialmente, os colonizadores portugueses utilizaram amplamente a mão de obra indígena nos engenhos, nas lavouras e nas atividades de exploração econômica. Entretanto, a resistência dos povos originários, os conflitos armados, as fugas, as epidemias provocadas pelos europeus e os interesses econômicos da Coroa portuguesa favoreceram a ampliação do tráfico transatlântico de africanos escravizados (Monteiro, 2001). A escravidão africana tornou-se, então, uma das principais bases de sustentação econômica da colônia, especialmente nas regiões produtoras de açúcar, como a Bahia.

Entre os séculos XVI e XIX, milhões de africanos foram retirados à força de diferentes regiões do continente africano e transportados para o Brasil em condições extremamente desumanas. Segundo Reis e Gomes (1996), a travessia atlântica foi marcada por violência, fome, doenças e mortalidade elevada, configurando um dos processos mais violentos da história moderna. Entre as principais regiões fornecedoras de africanos escravizados para a Bahia destacavam-se Angola e Congo, localizadas na África Centro-Occidental.

Os africanos trazidos para o Brasil carregavam consigo línguas, crenças religiosas, conhecimentos agrícolas, práticas medicinais, musicalidades, cosmologias e formas próprias de organização social que sobreviveram mesmo diante da violência do sistema escravista. Nesse contexto, as línguas do grupo bantu, especialmente o kimbundu, o umbundu e o kikongo, exerceram significativa influência sobre a formação cultural e linguística da Bahia (Castro, 2001; Castro, 2005).

A presença africana moldou profundamente a constituição da sociedade baiana. Manifestações culturais como o Candomblé, a capoeira, o samba de roda, os ritmos afro-baianos e a culinária tradicional constituem importantes heranças das populações africanas e afrodescendentes. Além disso, inúmeras palavras de origem africana foram incorporadas ao português brasileiro, sobretudo nos campos semânticos da religiosidade, musicalidade, afetividade e oralidade popular. Segundo Castro (2022), o português falado na Bahia representa uma das variedades linguísticas brasileiras mais marcadas pelas influências africanas, resultado direto da intensa presença negra na constituição histórica da região. Dessa maneira, a Bahia transformou-se em um espaço de encontro entre diferentes matrizes culturais indígenas, africanas e europeias produzindo formas híbridas de identidade, linguagem e práticas culturais que permanecem presentes na sociedade baiana contemporânea.

3 SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE ANGOLA E SUAS PRINCIPAIS LÍNGUAS

3.1 A SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE ANGOLA

Angola apresenta uma das realidades sociolinguísticas mais plurais e complexas do continente africano. A constituição histórica do país foi marcada pelo contato entre diferentes grupos étnicos, culturais e linguísticos, fator que contribuiu para a formação de um cenário multilíngue no qual coexistem o português — língua oficial herdada do processo colonial — e diversas línguas nacionais pertencentes majoritariamente ao tronco bantu.

A atual configuração linguística angolana resulta diretamente de processos históricos ligados à colonização portuguesa, às dinâmicas migratórias internas, à urbanização e às políticas linguísticas implementadas após a independência nacional, em 1975. Durante o período colonial, o português foi imposto como língua de administração, escolarização e poder institucional, enquanto as línguas africanas foram frequentemente marginalizadas e associadas a contextos informais ou rurais. Conforme afirma Calvet (2002), as políticas linguísticas coloniais frequentemente atuaram como mecanismos de hierarquização cultural e exclusão social, privilegiando a língua do colonizador em detrimento das línguas locais.

Mesmo diante desse processo histórico de silenciamento linguístico, as línguas nacionais angolanas resistiram e permaneceram fundamentais para a preservação das identidades culturais e das memórias coletivas das populações locais. Segundo Castro (2005), as línguas bantu desempenham importante papel na organização social, religiosa e cultural dos povos africanos, funcionando como espaços de continuidade histórica e resistência cultural. Atualmente, o português ocupa posição dominante nos meios institucionais, urbanos e escolares, sendo utilizado como principal língua de comunicação nacional. Entretanto, as línguas nacionais continuam amplamente presentes nas práticas familiares, religiosas, comunitárias e culturais, sobretudo nas zonas rurais e periféricas. Essa coexistência entre o português e as línguas africanas evidencia o caráter multilíngue da sociedade angolana contemporânea.

Além da pluralidade linguística oral, é importante destacar que a realidade sociolinguística angolana também envolve comunidades surdas que utilizam línguas de sinais em seus processos de comunicação e interação social. Contudo, observa-se que os levantamentos censitários e políticas linguísticas oficiais ainda oferecem pouca visibilidade a essas línguas, contribuindo para a invisibilização das populações surdas no cenário nacional. A ausência de dados específicos sobre usuários de línguas de sinais nos censos demográficos

limita o reconhecimento social, educacional e político dessas comunidades, reforçando processos de exclusão linguística.

Nesse sentido, a valorização da diversidade linguística angolana não deve restringir-se apenas às línguas orais bantu e ao português, mas também incluir as línguas de sinais enquanto patrimônios linguísticos legítimos e fundamentais para a garantia da inclusão social e dos direitos linguísticos das pessoas surdas. A ausência dessas línguas nos principais levantamentos estatísticos revela uma lacuna significativa nas políticas de reconhecimento da diversidade linguística em Angola, evidenciando que determinadas formas de comunicação ainda permanecem socialmente marginalizadas.

3.2 INFLUÊNCIAS DAS LÍNGUAS ANGOLANAS NA BAHIA

O tráfico transatlântico de africanos escravizados constituiu um dos principais processos históricos responsáveis pela circulação de línguas, culturas e saberes entre a África e a América. Entre os séculos XVI e XIX, milhões de africanos foram retirados de forma compulsória de seus territórios e enviados para diferentes regiões das Américas, especialmente para o Brasil. Esse deslocamento forçado promoveu intensos processos de contato cultural e linguístico, cujos reflexos permanecem presentes na formação social e cultural brasileira (Reis; Gomes, 1996).

Nesse contexto, Angola ocupou posição central, sendo uma das principais regiões fornecedoras de africanos escravizados para a Bahia. Como consequência, diversas línguas africanas atravessaram o Atlântico juntamente com esses povos, deixando marcas profundas na constituição cultural e linguística brasileira.

Segundo Castro (2005), a influência das línguas africanas no português brasileiro manifesta-se sobretudo no léxico popular, especialmente em campos semânticos relacionados à culinária, religiosidade, musicalidade, corporalidade e afetividade. Na Bahia, destacam-se influências de línguas como o kimbundu, o umbundu e o kikongo, devido à expressiva presença de africanos oriundos da África Centro-Ocidental. Nesse processo histórico, diversas palavras foram incorporadas ao português brasileiro, como: “moleque”, “dengo”, “caçula”, “quitanda”, “batuque” e “cachaça”, evidenciando a permanência dessas influências no cotidiano linguístico (Castro, 2005). Além do léxico, observa-se que os povos africanos contribuíram também para formas de organização discursiva, ritmos de fala, expressões culturais e práticas religiosas que permanecem presentes na sociedade baiana contemporânea.

A diáspora africana no Brasil não se restringe, portanto, a um deslocamento geográfico forçado, mas representa também a circulação de culturas, memórias e identidades. Mesmo

diante da violência do sistema escravista, os povos africanos preservaram elementos fundamentais de suas tradições linguísticas e culturais. Nesse sentido, Reis e Gomes (1996) destacam que as populações africanas desenvolveram estratégias de resistência cultural no Brasil, utilizando a oralidade, a religiosidade e as práticas comunitárias como formas de manutenção identitária.

Os terreiros de Candomblé, nesse processo, desempenharam papel fundamental na preservação de vocábulos africanos no Brasil. Esses espaços funcionaram historicamente como ambientes de resistência cultural e linguística, possibilitando a continuidade de cantos, rezas e expressões africanas, mesmo sob forte repressão colonial. Como resultado desse processo histórico, diversos vocábulos de origem africana permanecem vivos no português brasileiro, como “axé”, “orixá”, “caçula”, “moleque”, “dendê” e “quitanda”, o que evidencia a profunda influência das línguas africanas na formação do léxico brasileiro (Castro, 2001; Castro, 2022). Dessa forma, compreender a influência das línguas angolanas no português da Bahia significa reconhecer que a língua portuguesa falada no Brasil é resultado de intensos processos de contato cultural e linguístico, nos quais os povos africanos desempenharam papel central na construção da identidade linguística e cultural brasileira.

4 LÍNGUA, HISTÓRIA E SOCIEDADE: A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS DA BAHIA E SUAS BASES TEÓRICAS

A compreensão da influência das línguas angolanas no português falado na Bahia exige uma abordagem interdisciplinar que articule contribuições da Sociolinguística, da Lexicologia, dos estudos sobre contato linguístico e das pesquisas voltadas para a afrodescendência e a identidade negra. Nesse sentido, a língua é compreendida não apenas como instrumento de comunicação, mas também como espaço de preservação da memória coletiva, transmissão cultural e construção identitária.

A formação do português brasileiro ocorreu em um contexto marcado pelo intenso contato entre diferentes povos e línguas. Conforme Calvet (2002; 2007), nenhuma língua permanece isolada, sendo continuamente modificada pelas interações sociais e culturais estabelecidas entre seus falantes. No caso brasileiro, a convivência entre indígenas, europeus e africanos favoreceu a incorporação de elementos linguísticos diversos, contribuindo para a constituição de uma variedade do português distinta daquela falada em Portugal.

Entre as contribuições africanas para a formação do português brasileiro, destacam-se

aquelas provenientes das línguas bantu, especialmente o kimbundu, o umbundu e o kikongo, faladas em diferentes regiões de Angola. De acordo com Castro (2001; 2005; 2022), essas línguas exerceram significativa influência sobre o português falado na Bahia, deixando marcas que podem ser observadas principalmente no léxico, mas também em aspectos fonéticos, prosódicos e discursivos. Vocábulos como *cafuné*, *caçula*, *moleque*, *quitanda*, *dendê* e *dengo* constituem exemplos da permanência dessas heranças linguísticas no cotidiano dos falantes brasileiros.

Além do contato linguístico, torna-se necessário compreender a relação entre língua, identidade e afrodescendência. Para Munanga (2004), a afrodescendência ultrapassa a dimensão biológica, constituindo-se como um processo histórico e cultural relacionado à preservação da memória africana e à valorização da ancestralidade negra. Nesse contexto, a linguagem assume papel fundamental, pois possibilita a transmissão de saberes, experiências e formas de pertencimento construídas ao longo da diáspora africana.

A identidade negra, por sua vez, é compreendida como uma construção social e histórica. Segundo Gomes (2005), ela resulta das experiências coletivas compartilhadas por indivíduos e grupos que reconhecem sua pertença étnico-racial e valorizam elementos culturais associados à ancestralidade africana. Dessa forma, a preservação de vocábulos oriundos das línguas angolanas pode ser entendida como uma manifestação de resistência cultural e de afirmação identitária.

Outro aspecto relevante refere-se ao papel desempenhado pelas populações africanas e afrodescendentes na constituição do português popular brasileiro. Lucchesi (2009) destaca que as condições históricas de contato entre falantes de diferentes línguas durante o período escravista contribuíram significativamente para a formação das variedades populares do português no Brasil. Assim, a presença de africanismos no português da Bahia não deve ser interpretada como simples empréstimo lexical, mas como resultado de processos históricos complexos de interação, adaptação e recriação linguística.

Nessa perspectiva, o conceito de afrodescendência linguística torna-se fundamental para esta pesquisa. Tal conceito refere-se à permanência de elementos das línguas africanas na língua portuguesa falada no Brasil, evidenciando que a herança africana também se manifesta por meio da linguagem. As marcas linguísticas preservadas no português da Bahia constituem importantes registros da memória afro-diaspórica e demonstram que a língua funciona como instrumento de resistência cultural, preservação histórica e construção das identidades negras. Desse modo, o referencial teórico adotado permite compreender que os vestígios das línguas angolanas presentes no português da Bahia ultrapassam a dimensão estritamente lexical,

constituindo manifestações da afrodescendência e da participação africana na formação histórica, cultural e linguística da sociedade brasileira.

4.1 O LÉXICO DE UMA LÍNGUA: DIFERENÇAS ENTRE LÉXICO E VOCABULÁRIO

O léxico corresponde ao conjunto de palavras disponíveis em uma língua, constituindo um sistema dinâmico, histórico e socialmente construído. Diferentemente de estruturas gramaticais mais rígidas, o léxico encontra-se em constante transformação, acompanhando as mudanças culturais, históricas e sociais vivenciadas pelas comunidades linguísticas. Segundo Biderman (1998, p. 88), “o léxico constitui uma forma de representação simbólica da realidade”. Dessa forma, as palavras utilizadas por determinada sociedade refletem experiências históricas, práticas culturais, relações sociais e formas específicas de perceber o mundo.

Nesse sentido, o léxico ultrapassa a função meramente comunicativa, funcionando também como espaço de preservação da memória coletiva. As palavras carregam marcas históricas, identidades culturais e experiências sociais acumuladas ao longo do tempo. O léxico representa o conjunto de unidades vocabulares disponíveis em uma língua, refletindo experiências históricas, culturais e sociais dos grupos que a utilizam. Dessa forma, as palavras não constituem elementos neutros, mas registros das relações estabelecidas pelos indivíduos ao longo do tempo. Nessa perspectiva, o estudo do léxico possibilita compreender aspectos da história e da cultura de uma comunidade, revelando processos de contato, influência e transformação linguística. (Biderman, 1998)

Já o vocabulário refere-se ao conjunto específico de palavras efetivamente utilizadas por um indivíduo, grupo social ou contexto comunicativo. Enquanto o léxico corresponde ao repertório global disponível em uma língua, o vocabulário representa uma seleção concreta desse repertório em situações específicas de uso (idioleto). Segundo Antunes (2012), o vocabulário relaciona-se diretamente às experiências socioculturais dos falantes, variando conforme fatores como escolaridade, profissão, idade, território e pertencimento cultural. Assim, diferentes grupos sociais utilizam diferentes vocabulários, ainda que compartilhem o mesmo sistema linguístico.

Essa distinção revela-se essencial para compreender a permanência e a vitalidade dos vocábulos de origem africana no português falado na Bahia. Apesar dos processos históricos de escravização, discriminação racial e apagamento cultural impostos às populações africanas e seus descendentes, diversas palavras provenientes de línguas africanas foram preservadas e incorporadas ao léxico cotidiano da sociedade baiana.

Termos como acarajé, abará, dendê, axé, caçula, moleque, quitanda e cafuné são exemplos da forte influência africana na constituição linguística e cultural da Bahia. Muitas dessas palavras ultrapassaram os espaços religiosos e comunitários de origem, passando a integrar a comunicação diária de falantes de diferentes grupos sociais. Conforme Castro (2001 2022), a permanência desses vocábulos evidencia não apenas a contribuição africana para a formação do português brasileiro, mas também a resistência cultural das populações afrodescendentes, que preservaram práticas, saberes e formas de expressão transmitidas ao longo das gerações.

A permanência dessas palavras demonstra que as contribuições africanas resistiram aos processos coloniais de silenciamento cultural e continuam exercendo influência significativa na língua portuguesa falada no Brasil. Diversas palavras de origem bantu foram incorporadas ao português brasileiro e passaram a integrar o léxico nacional, especialmente em campos semânticos ligados à culinária, à religiosidade, à música, às relações afetivas e à oralidade popular.

Entre os exemplos mais conhecidos destacam-se caçula (filho mais novo), cafuné (ato de acariciar os cabelos de alguém), moleque (menino), quitanda (pequeno comércio de alimentos), dendê (óleo extraído da palmeira africana), fubá (farinha de milho), samba (manifestação musical e cultural afro-brasileira) e macumba (termo associado a práticas religiosas de matriz africana). A ampla circulação dessas palavras no cotidiano dos falantes evidencia não apenas a herança linguística dos povos africanos trazidos para o Brasil, mas também a resistência e a preservação de elementos culturais que permaneceram vivos ao longo das gerações, apesar das tentativas históricas de apagamento de suas identidades e tradições (Castro, 2001; Castro, 2022).

Além disso, o estudo do léxico permite compreender as relações de poder existentes nas sociedades. Conforme Bagno (1999), determinadas variedades linguísticas são frequentemente estigmatizadas devido às desigualdades sociais e raciais. Nesse contexto, muitos falares afro-brasileiros foram historicamente desvalorizados por associações preconceituosas construídas durante o período colonial. Entretanto, pesquisas contemporâneas têm demonstrado a importância das contribuições africanas para a formação da língua portuguesa no Brasil. Assim, estudar o léxico africano presente na Bahia representa também um movimento de valorização das heranças culturais negras e de enfrentamento ao apagamento histórico das populações afrodescendentes.

4.2 INFLUÊNCIAS LEXICAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O português brasileiro foi constituído a partir de intensos processos de contato linguístico entre povos indígenas, africanos, europeus e, posteriormente, asiáticos. Diferentemente do português de Portugal, a língua portuguesa desenvolvida no Brasil incorporou elementos culturais e linguísticos provenientes das múltiplas populações que participaram da formação histórica do país. Conforme destaca Calvet (2007), nenhuma língua permanece isolada das dinâmicas sociais e culturais, sendo constantemente transformada pelos contatos estabelecidos entre diferentes comunidades linguísticas. No contexto brasileiro, esses contatos ocorreram de maneira particularmente intensa devido à diversidade étnica e cultural presente desde o período colonial. As influências indígenas podem ser observadas sobretudo em palavras relacionadas à fauna, à flora, à alimentação e à geografia, como abacaxi, pipoca, jacaré, mandioca, capim e Paraíba, evidenciando a importância das línguas originárias na formação do léxico nacional (Rodrigues, 2013; Oliveira, 2016).

Da mesma forma, as contribuições africanas deixaram marcas profundas no português brasileiro por meio de vocábulos como cafuné, caçula, dendê, quitanda, moleque e samba, amplamente utilizados no cotidiano dos falantes (Castro, 2001; Castro, 2022). Além disso, os fluxos migratórios mais recentes favoreceram a incorporação de palavras de origem asiática, especialmente provenientes da cultura japonesa, como sushi, saquê, quimono, judô e caratê, ampliando ainda mais a diversidade lexical do português brasileiro. Esses exemplos demonstram que a língua portuguesa no Brasil constitui um espaço de encontro entre diferentes tradições culturais, refletindo a pluralidade histórica e social que caracteriza a formação do país. (Calvet, 2007; Castro, 2001; Castro, 2022; Oliveira, 2016; Rodrigues, 2013).

Entretanto, as influências africanas também desempenharam papel fundamental na constituição do léxico nacional. As línguas africanas deixaram marcas profundas especialmente em campos semânticos relacionados à culinária, religiosidade, musicalidade, corporalidade e oralidade popular. Segundo Castro (2005), centenas de palavras utilizadas cotidianamente no Brasil possuem origem africana. Muitas dessas palavras foram incorporadas ao português brasileiro por meio das línguas bantu faladas pelos africanos oriundos de Angola e Congo.

Entre os vocábulos africanos mais presentes no português brasileiro destacam-se “batuque”, “moleque”, “caçula”, “dengo”, “quitanda”, “cachaça”, “fofoca”, “cafuné” e “samba”. Essas palavras ultrapassam o simples empréstimo lexical, funcionando como marcas históricas da presença africana no Brasil (Fiorin; Peter, 2008). A influência africana também pode ser percebida na oralidade popular, na musicalidade da fala e nas expressões culturais

afro-brasileiras. Segundo Castro (2001), os falares africanos contribuíram significativamente para a constituição do português popular brasileiro, sobretudo nas regiões com forte presença negra, como a Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Apesar disso, durante muito tempo as contribuições africanas foram invisibilizadas pelos discursos eurocêntricos que valorizavam exclusivamente as heranças linguísticas europeias. As influências africanas eram frequentemente tratadas como desvios linguísticos ou formas inferiores de linguagem. Segundo Bagno (1999), essa desvalorização das variedades populares da língua está diretamente relacionada às desigualdades raciais e sociais produzidas historicamente no Brasil. Assim, reconhecer a influência africana no português brasileiro significa também questionar estruturas de preconceito linguístico e racial ainda existentes na sociedade contemporânea.

O racismo linguístico continua sendo um dos desafios para a sociedade brasileira, porque as marcas e os traços da exclusão social ainda se manifestam por meio da língua. (Bagno, 1999; Nascimento, 2019). Dessa forma, o léxico das línguas africanas presente no português brasileiro constitui importante patrimônio cultural e histórico, revelando a centralidade das populações negras na formação da identidade nacional brasileira.

4.3 A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS DA BAHIA, A AFRODESCENDÊNCIA E A IDENTIDADE RACIAL

A formação do português da Bahia está diretamente relacionada aos processos históricos de colonização, escravização e contato cultural ocorridos na Bahia desde o século XVI. Salvador, primeira capital do Brasil, consolidou-se como um dos principais centros administrativos e comerciais da colônia portuguesa, recebendo um expressivo contingente de africanos escravizados provenientes, sobretudo, das regiões de Angola e do Congo. Esse intenso fluxo populacional contribuiu para a constituição de um contexto multilíngue, no qual diferentes línguas e culturas coexistiam e interagiam cotidianamente.

Os africanos trazidos para o Brasil não constituíam um grupo homogêneo, uma vez que eram provenientes de diferentes povos, possuíam distintas tradições culturais e falavam diversas línguas, especialmente aquelas pertencentes ao grupo bantu. Nesse sentido, Castro (2001) destaca que a presença africana exerceu influência significativa na constituição do português brasileiro, sobretudo na Bahia, onde a concentração populacional negra foi uma das mais expressivas do país.

Segundo a autora, “a influência africana não se restringe ao vocabulário, mas alcança

aspectos fonéticos, sintáticos, semânticos e discursivos da língua portuguesa falada no Brasil” (Castro, 2001, p. 43). A convivência entre portugueses, indígenas e africanos favoreceu processos de adaptação linguística, negociação cultural e criação de novas formas de comunicação. Nesse contexto, diversas palavras de origem africana foram incorporadas ao português da Bahia, especialmente em campos semânticos relacionados à culinária, religiosidade, música, dança e manifestações culturais populares. Tais elementos evidenciam que a língua funciona como um importante registro histórico das relações sociais estabelecidas ao longo da formação da sociedade baiana.

Além do aspecto lexical, o português da Bahia apresenta características fonéticas e prosódicas frequentemente associadas à influência das línguas africanas. Essas marcas podem ser observadas no ritmo da fala, na musicalidade da pronúncia e em entonações presentes, sobretudo, nas variedades populares da língua. Conforme Castro (2022), o contato prolongado entre falantes de línguas africanas e do português contribuiu para a constituição de traços linguísticos ainda presentes em diferentes comunidades afrodescendentes brasileiras.

Segundo Lucchesi (2009), a formação do português popular brasileiro deve ser compreendida a partir das condições históricas do contato linguístico estabelecido durante o período escravista. Para o autor, “a participação decisiva da população africana e afrodescendente na formação da sociedade brasileira deixou marcas profundas na constituição do português popular do Brasil” (Lucchesi, 2009, p. 41).

Dessa forma, a língua portuguesa falada na Bahia constitui um importante testemunho da contribuição africana para a formação cultural e linguística do país. Outro aspecto fundamental refere-se ao papel da oralidade na preservação das heranças africanas. Durante séculos, saberes, histórias, crenças e tradições foram transmitidos oralmente entre as comunidades negras, possibilitando a manutenção de práticas culturais mesmo diante das tentativas de apagamento promovidas pelo sistema colonial. Nesse cenário, manifestações como os terreiros de Candomblé, as rodas de capoeira e o samba de roda desempenharam papel central na preservação dessas tradições linguísticas e culturais. Nesse contexto, torna-se necessário compreender o conceito de afrodescendência.

De acordo com (Munanga, 2004), a afrodescendência refere-se aos indivíduos e grupos sociais que possuem ancestralidade africana e compartilham elementos históricos, culturais e identitários construídos a partir da diáspora africana. Assim, o conceito ultrapassa uma dimensão biológica, envolvendo também aspectos culturais, sociais e políticos vinculados à valorização da herança africana. Associada a esse conceito, (Gomes, 2005) define a identidade racial como o processo pelo qual indivíduos e grupos reconhecem sua pertença étnico-racial e

constroem sentidos de pertencimento a partir de experiências históricas compartilhadas. A autora destaca que a identidade negra é socialmente construída e fortalecida por meio da valorização da memória, da cultura e da ancestralidade africanas.

A construção da identidade racial está diretamente ligada ao pertencimento identitário, o qual se manifesta quando os sujeitos reconhecem suas origens, valorizam suas referências culturais e se identificam com uma determinada comunidade histórica e cultural. No contexto baiano, esse processo é perceptível na preservação das tradições afro-brasileiras, no uso de expressões linguísticas de origem africana e na manutenção de práticas culturais herdadas dos povos africanos. Conforme o autor, “a identidade negra não nasce da tomada de consciência de uma diferença biológica entre negros e brancos, mas resulta de um longo processo histórico de construção social”. (Munanga ,2004, p. 52).

Nesse sentido, a língua desempenha papel fundamental na consolidação do pertencimento identitário, uma vez que constitui um dos principais instrumentos de transmissão da memória coletiva e das heranças culturais de um povo. Dessa forma, o português da Bahia não pode ser compreendido apenas como uma derivação do português europeu. Trata-se de uma variedade linguística construída a partir de intensos processos de contato, resistência e recriação cultural, nos quais a população africana e afrodescendente desempenhou papel central. As marcas presentes no léxico, na oralidade e nas práticas discursivas da Bahia evidenciam a profunda contribuição africana para a constituição da identidade linguística e cultural baiana.

4.4 AFRODESCENDÊNCIA LINGUÍSTICA: A HERANÇA AFRICANA PARA ALÉM DOS FENÓTIPOS

Os debates sobre afrodescendência costumam concentrar-se em aspectos raciais, fenotípicos e históricos relacionados à população negra. Entretanto, diversos estudiosos têm chamado atenção para a necessidade de compreender a afrodescendência também sob uma perspectiva cultural e linguística. Nessa abordagem, a herança africana não se manifesta apenas nos corpos, nos traços físicos ou nas práticas culturais, mas também na língua, elemento fundamental para a construção da identidade dos povos e para a preservação da memória coletiva.

A afrodescendência linguística pode ser entendida como a permanência de elementos oriundos das línguas africanas nas variedades do português brasileiro, especialmente em regiões que receberam grandes contingentes de africanos escravizados, como a Bahia. Essa permanência evidencia que as contribuições africanas não se limitaram ao plano cultural, mas

participaram ativamente da constituição da língua falada no Brasil.

Segundo Castro (2001), a presença africana na formação do português brasileiro constitui um dos aspectos mais relevantes da história linguística nacional, embora tenha sido frequentemente invisibilizada pelos estudos tradicionais. A autora destaca que muitas palavras, expressões, estruturas discursivas e aspectos prosódicos presentes no português brasileiro possuem origem africana, especialmente das línguas bantu trazidas pelos povos provenientes da região centro-ocidental da África.

Nesse sentido, discutir afrodescendência linguística significa questionar perspectivas que restringem a herança africana apenas à dimensão biológica ou fenotípica. Conforme argumenta Munanga (2004), a identidade afrodescendente não pode ser compreendida exclusivamente por características físicas, pois resulta de processos históricos, culturais e simbólicos que envolvem memória, ancestralidade e pertencimento. Dessa forma, a língua constitui um importante marcador identitário, uma vez que transporta conhecimentos, visões de mundo e formas específicas de interpretar a realidade.

Ao abordar a constituição do português popular brasileiro, Lucchesi (2009) ressalta que a participação da população africana e afrodescendente foi decisiva para a formação linguística do país. Segundo o autor, as variedades populares do português brasileiro foram profundamente influenciadas pelas situações de contato entre diferentes línguas africanas e o português durante o período escravista. Para Lucchesi (2009, p. 41), "a participação decisiva da população africana e afrodescendente na formação da sociedade brasileira deixou marcas profundas na constituição do português popular do Brasil".

Essa perspectiva permite compreender que a afrodescendência também está inscrita na linguagem cotidiana. Palavras como *cafuné*, *moleque*, *caçula*, *dendê*, *quitanda*, *fubá* e *mucama*, entre outros, tantas outras, constituem evidências linguísticas da presença africana no português brasileiro. Além disso, elementos relacionados à musicalidade da fala, à oralidade e às formas de interação social revelam a continuidade de heranças africanas que atravessaram séculos de resistência cultural.

De acordo com Petter (2008), as línguas africanas desempenharam papel fundamental na constituição da identidade linguística brasileira, embora essa contribuição tenha sido historicamente minimizada por discursos que privilegiaram a matriz europeia na formação nacional. Tal invisibilização está relacionada aos processos de colonialidade que buscaram apagar ou reduzir a relevância dos conhecimentos produzidos pelos povos africanos e seus descendentes. Dessa forma, a noção de afrodescendência linguística amplia o entendimento sobre a presença africana no Brasil, demonstrando que a ancestralidade também se manifesta

através da língua. As marcas linguísticas herdadas dos povos africanos constituem patrimônios culturais imateriais que permanecem vivos no cotidiano dos falantes e contribuem para a construção das identidades afro-brasileiras. Reconhecer essa dimensão significa valorizar a participação africana não apenas na história social do país, mas também na formação de uma das principais expressões da cultura nacional: a língua portuguesa falada no Brasil.

5 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

5.1 APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, exploratória e bibliográfica, fundamentada nos estudos da Sociolinguística, da Lexicologia e do contato linguístico. O trabalho busca compreender de que maneira o léxico das línguas angolanas permanece presente na variedade baiana do português, especialmente em contextos relacionados às manifestações culturais afro-brasileiras. Além disso, procura analisar como esses elementos linguísticos contribuem para a construção de identidades culturais afrodescendentes na Bahia.

Segundo Gil (2008), a pesquisa qualitativa permite analisar fenômenos sociais a partir das experiências, percepções e interpretações dos sujeitos envolvidos. Nesse sentido, optou-se por uma abordagem qualitativa devido à necessidade de compreender não apenas a presença das palavras de origem africana no português da Bahia, mas também os sentidos culturais, históricos e identitários associados a esses vocábulos. A pesquisa possui ainda caráter exploratório, uma vez que busca ampliar as discussões sobre as contribuições linguísticas africanas para a formação do português brasileiro, especialmente no contexto baiano. Conforme Minayo (2001), pesquisas exploratórias possibilitam maior aproximação com fenômenos ainda pouco aprofundados em determinados campos científicos.

Por tratar-se de um estudo de caráter bibliográfico, foram selecionados 30 trabalhos acadêmicos disponíveis em repositórios de universidades brasileiras, sendo 10 teses, 10 dissertações e 10 monografias. Os critérios de seleção dos trabalhos foram: (a) abordar a influência das línguas africanas no português da Bahia; (b) discutir a relevância da afrodescendência a partir do léxico presente na Bahia; e (c) analisar a contribuição das línguas africanas para a formação do português da Bahia. A escolha por trabalhos disponíveis em repositórios institucionais justifica-se pelo fato de terem sido submetidos à avaliação acadêmica, aprovados por bancas examinadoras e reconhecidos por instituições de ensino e de

pesquisa.

Nos trabalhos selecionados serão analisados: (a) os vocábulos do português da Bahia provenientes das línguas angolanas; (b) os processos de manutenção, adaptação e ressignificação desses vocábulos no contexto baiano; (c) as narrativas de identidade negra construídas por meio da linguagem; (d) a presença ou ausência de discussões sobre afrodescendência linguística; e (e) a compreensão da língua como elemento constitutivo da herança afrodescendente. Parte-se do pressuposto de que a afrodescendência não se manifesta apenas por aspectos raciais ou fenotípicos, mas também por meio de heranças culturais e linguísticas preservadas na fala cotidiana. Dessa forma, a pesquisa busca demonstrar que os rastros das línguas angolanas presentes no português da Bahia constituem importantes marcadores de memória, identidade e pertencimento afrodescendente.

Os trabalhos analisados foram selecionados dos acervos institucionais de universidades públicas e privadas e são arquivos de acesso livre, gratuito e público. Desta forma não houve necessidade de submissão da Pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa, nem de autorização formal dos autores dos Trabalhos. O nosso compromisso maior é o respeito às normas de ABNT para casos de citações desses trabalhos. A seguir será apresentada a lista geral dos trabalhos selecionados divididos em categorias a, b e c. Não será necessário citar os nomes dos autores na nossa pesquisa, mas sim os títulos e o conteúdo científico produzido. As fichas catalográficas oferecem informações complementares.

A produção acadêmica relacionada à influência das línguas africanas na formação do português brasileiro, especialmente na variedade baiana, evidencia um campo de investigação consolidado e interdisciplinar, articulando perspectivas da sociolinguística, da história linguística, da lexicologia e dos estudos culturais. Os trabalhos aqui reunidos demonstram como o contato entre línguas africanas (com destaque para banto, iorubá, jeje-nagô e outras matrizes) e o português contribuiu para a constituição de estruturas fonéticas, lexicais, sintáticas e identitárias na Bahia. Além disso, observa-se um conjunto significativo de pesquisas voltadas tanto para a permanência dessas influências na fala cotidiana quanto para sua sistematização em contextos urbanos, rurais, religiosos e culturais. Para fins de organização analítica, os estudos foram agrupados em três categorias temáticas: (A) influência direta das línguas africanas no português da Bahia; (B) relevância da afrodescendência a partir do léxico presente na Bahia; e (C) influência das línguas africanas na formação do português brasileiro/baiano em perspectiva histórico-social e estrutural. Os textos selecionados para as análises estão apresentados em Anexo I.

5.2 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi realizada a partir da leitura e categorização dos 30 trabalhos acadêmicos selecionados para compor o corpus desta pesquisa. O procedimento metodológico consistiu na identificação de elementos que dialogassem diretamente com os objetivos do estudo, especialmente aqueles relacionados à presença das línguas angolanas no português da Bahia, às narrativas de identidade negra construídas por meio da linguagem e às discussões sobre afrodescendência linguística.

Para sistematizar os dados, foi elaborado um quadro analítico contendo três categorias de observação: (a) a presença de discussões sobre o léxico baiano proveniente das línguas angolanas; (b) a existência de narrativas que relacionam o léxico à construção da identidade negra; e (c) a presença ou ausência de reflexões acerca da afrodescendência linguística. Em cada categoria foi utilizado o símbolo ✓ para indicar que o trabalho contemplava o aspecto analisado e o símbolo X para indicar sua ausência ou o fato de não constituir o foco principal da investigação.

Quadro 1 – Categorização dos trabalhos analisados

Nº	Trabalho	Léxico baiano proveniente das línguas angolanas	Narrativas sobre identidade negra por meio do léxico	Discussão sobre afrodescendência linguística
1	A influência das línguas africanas no português falado no Brasil, em especial na culinária baiana	✓	✓	✓
2	A sobrevivência das línguas africanas no Brasil	✓	✓	✓
3	Contribuições das línguas africanas no português brasileiro: análise em livros didáticos	X	✓	✓
4	Influência de línguas africanas no português brasileiro: um olhar voltado para o léxico	✓	X	✓
5	A língua de Camões com Iemanjá	✓	✓	✓

Nº	Trabalho	Léxico baiano proveniente das línguas angolanas	Narrativas sobre identidade negra por meio do léxico	Discussão sobre afrodescendência linguística
6	Médina e Salvador: contatos linguísticos, dinâmicas identitárias e herança africana	✓	✓	✓
7	Lexicografia e herança africana: vocabulário religioso no Recôncavo	✓	✓	✓
8	Do Quimbundo ao português baiano	✓	X	✓
9	O português afro-brasileiro e a constituição da norma urbana de Salvador	X	✓	✓
10	A participação das línguas bantas na reestruturação do português do Brasil	✓	X	✓
11	Processo de crioulação e influência banta na sintaxe do português baiano	X	X	✓
12	África na Bahia: identidade, memória e o léxico cotidiano no Recôncavo	✓	✓	✓
13	Léxico e culinária de terreiro	✓	✓	✓
14	Africanismos no português brasileiro: aspectos fonético-fonológicos	X	X	✓
15	A influência do Quimbundo e do Iorubá no léxico urbano de Feira de Santana	✓	✓	✓
16	Marcas linguísticas da afrodescendência	✓	✓	✓
17	A formação histórica do português na Bahia	X	X	✓
18	Línguas africanas no Brasil: contribuição do banto para a fonologia do português baiano	X	X	✓
19	Relevância da afrodescendência no léxico botânico e medicinal tradicional de Salvador	✓	✓	✓
20	Sociolinguística histórica da Bahia	X	X	✓
21	Do Candomblé à Rua	✓	✓	✓

Nº	Trabalho	Léxico baiano proveniente das línguas angolanas	Narrativas sobre identidade negra por meio do léxico	Discussão sobre afrodescendência linguística
22	Mudança linguística e contato de línguas	X	X	✓
23	O léxico de matriz africana na Ilha de Itaparica	✓	✓	✓
24	A configuração do português baiano	X	X	✓
25	Influência Jeje-Nagô no falar das comunidades tradicionais	✓	✓	✓
26	O léxico afro-brasileiro nas feiras livres do Recôncavo Baiano	✓	✓	✓
27	A presença do iorubá no português falado em Salvador	✓	X	✓
28	Contato linguístico e transmissão linguística irregular no português da Bahia	X	X	✓
29	Reconstruindo a história linguística da Bahia	X	X	✓
30	O elemento banto no português do Brasil	✓	✓	✓

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 2 – Síntese quantitativa

Critério analisado	Quantidade
Léxico baiano proveniente das línguas angolanas	19
Narrativas sobre identidade negra por meio do léxico	17
Discussão sobre afrodescendência linguística	27

Fonte: Elaboração própria

A primeira categoria buscou identificar se os trabalhos apresentavam análises de vocábulos provenientes de línguas africanas, especialmente das línguas do grupo bantu faladas

em Angola, como o kimbundo, o umbundo e o kicongo³, incorporados ao português falado na Bahia. A segunda categoria concentrou-se na observação de como esses elementos lexicais eram associados às experiências históricas, culturais e identitárias da população negra. Já a terceira categoria procurou verificar se os estudos abordavam explicitamente a noção de afrodescendência linguística, compreendida nesta pesquisa como a permanência de heranças africanas materializadas na língua e transmitidas entre gerações por meio do uso cotidiano da linguagem.

Os resultados obtidos permitiram a elaboração de uma síntese quantitativa. Dos 30 trabalhos analisados, 19 abordam diretamente o léxico baiano proveniente das línguas angolanas, demonstrando que a presença de africanismos no português da Bahia constitui uma temática recorrente nos estudos linguísticos e culturais. Esse dado evidencia o reconhecimento acadêmico da contribuição africana para a formação do repertório lexical baiano.

No que se refere às narrativas sobre identidade negra construídas por meio do léxico, verificou-se que 17 trabalhos contemplam essa discussão. Embora esse número seja expressivo, ele também revela que parte significativa das pesquisas ainda privilegia análises estritamente linguísticas, sem aprofundar as relações entre linguagem, identidade e pertencimento étnico-racial. Tal constatação reforça a necessidade de investigações que compreendam a língua como elemento constitutivo das experiências afrodescendentes.

A categoria referente à afrodescendência linguística apresentou o maior índice de ocorrência, estando presente em 27 dos 30 trabalhos analisados. Ainda que nem todos utilizem explicitamente essa terminologia, grande parte das pesquisas reconhece que as contribuições africanas para o português brasileiro ultrapassam aspectos meramente linguísticos, envolvendo processos históricos, culturais e identitários. Esse resultado demonstra que a língua pode ser compreendida como espaço de preservação da memória afro-diaspórica e de resistência cultural.

De modo geral, os dados revelam que os estudos acadêmicos têm reconhecido a importância das línguas africanas na formação do português da Bahia. Entretanto, também evidenciam que as discussões sobre afrodescendência costumam concentrar-se em aspectos raciais, históricos e culturais, dedicando menor atenção à dimensão linguística dessa herança. Nesse sentido, a presente pesquisa procura contribuir para a ampliação desse debate ao defender que a afrodescendência também se manifesta por meio da língua, uma vez que os vocábulos de origem africana presentes no português da Bahia constituem marcas vivas da memória, da

³ Estas não são as únicas línguas de Angola. São línguas citadas nos trabalhos analisados.

identidade e da participação africana na formação da sociedade baiana

O Quadro 3, apresentado a seguir, reúne os principais campos semânticos identificados na pesquisa, evidenciando a distribuição das unidades lexicais de origem africana ou de forte influência afro-brasileira no português da Bahia. A organização em campos culturais permite observar não apenas a presença dessas palavras no léxico cotidiano, mas também a forma como elas se articulam a práticas sociais, culturais e identitárias específicas. Dessa maneira, o quadro evidencia que tais elementos lexicais não se restringem a um único domínio de uso, mas atravessam diferentes esferas da vida social, como a religiosidade, a culinária, a musicalidade, a afetividade, a oralidade popular e a corporalidade, revelando a profundidade da influência africana na constituição da variedade linguística baiana.

Quadro 3 – Campos semânticos identificados na pesquisa

Campo cultural	Palavras identificadas
Religiosidade	Axé, ebó, orixá, malembe
Culinária	Acarajé, vatapá, dendê, angu
Musicalidade	Batuque, samba
Afetividade	Dengo, cafuné
Oralidade popular	Moleque, caçula, fofoca
Corporalidade	Ginga, capoeira

Fonte: Adaptado a partir dos dados da pesquisa

Segundo Bagno (1999), as variedades populares da língua representam importantes registros históricos das experiências sociais dos grupos marginalizados. Nesse sentido, o léxico das línguas africanas presentes no português da Bahia funciona como memória linguística da diáspora africana no Brasil. A análise confirma, portanto, que o léxico africano permanece vivo na Bahia contemporânea, funcionando não apenas como elemento linguístico, mas também como importante instrumento de preservação histórica, resistência cultural e afirmação identitária afro-brasileira.

5.3 TRANSFORMAÇÕES LEXICAIS DAS LÍNGUAS AFRICANAS NO PORTUGUÊS DA BAHIA

As palavras das línguas africanas incorporadas ao português brasileiro passaram por diferentes processos de adaptação fonética, morfológica e semântica. Essas transformações ocorreram gradualmente, acompanhando as dinâmicas de convivência entre africanos, portugueses, indígenas e asiáticos durante o período colonial. Segundo Calvet (2002), o contato entre línguas produz inevitavelmente processos de empréstimo, adaptação e transformação linguística. No caso brasileiro, as línguas africanas influenciaram significativamente a constituição do português popular, especialmente nas regiões de forte presença negra, como a Bahia.

Muitos vocábulos de origem de línguas africanas passaram por adaptações fonológicas e morfológicas para se adequar às estruturas do português brasileiro. As teses, as dissertações e as monografias analisadas mostram como essas adaptações foram importantes para a afirmação da variedade brasileira do português, pois a variedade sendo parte da sociedade tende a variar e a mudar ao longo do tempo. Apesar dessas transformações, grande parte dessas palavras preservou significados próximos aos que possuíam em suas línguas de origem, mantendo viva a herança cultural africana no léxico das variedades brasileiras. É o caso de *cafuné*, termo de origem bantu que se refere ao ato de acariciar os cabelos de alguém; *caçula*, utilizada para designar o filho mais novo da família; *quitanda*, relacionada ao comércio ou venda de alimentos; *moleque*, originalmente associada a menino ou criança; e *dendê*, nome da palmeira africana e do óleo extraído de seu fruto. Outros exemplos incluem *samba*, vinculado a práticas culturais e musicais africanas, e *macumba*, termo que passou por ressignificações no contexto religioso brasileiro. Essas adaptações discutidas, analisadas e exemplificadas nas dissertações, teses e monografias demonstram como os vocábulos africanos foram incorporados ao português sem perder completamente seus sentidos originais, tornando-se parte integrante da identidade linguística e cultural brasileira.

Além disso, essas palavras carregam memórias históricas e culturais associadas à experiência da diáspora africana no Brasil. Pouco se lembra das relações entre as palavras e os povos das quais trouxeram essas línguas. O ecossistema linguístico é composto por **Povo-Língua-Território** (Couto, 2007). Quer dizer, o uso de uma determinada unidade lexical faz alusão à sua etimologia e automaticamente o povo que fala ou falava essa língua. As palavras não estão historicamente isoladas dos grupos étnicos que falam essas línguas. Por isso, a memória dos povos africanos que vieram pelos processos agressivos de

colonização/escravização está presente na língua portuguesa, queiramos ou não. E essa realidade ainda se espalha nas práticas culturais como na capoeira, na dança, na culinária e nas roupas, nos adornos e acessórios. A etimologia de uma palavra deveria ser fonte de resgate das identidades africanas e na formação das afro-brasilidades tanto na comunicação oral como escrita.

As análises dos trabalhos selecionados deixam clara a ideia de que os escravizados não vieram de “mãos a abanar”. Trouxeram marcas culturais e linguísticas que resistem ao tempo. Os escravizados chegados ao Brasil e em especial na Bahia resistiram na preservação de palavras consideradas úteis para a convivência com a língua portuguesa. Nenhuma língua natural se mantém inalterada enquanto meio de comunicação de uma comunidade de fala. Os trabalhos de conclusão dos cursos analisados só reforçam que a língua funciona como espaço de construção identitária e de preservação cultural. A oralidade desempenhou um papel essencial nesse processo de transformação linguística, o que torna o português brasileiro e suas variedades fontes de História, de memória dos povos chegados e misturados com outros povos e nações. As relações cotidianas estabelecidas entre africanos, descendentes negros e demais grupos sociais favoreceram a circulação e naturalização dessas palavras no português da Bahia.

A seguir, apresenta-se o Quadro 4, que reúne um conjunto de palavras de origem kimbundu identificadas no TCC analisado, com base em registros atestados no Dicionário Kimbundu–Português, de A. de Assis Júnior (1977). A organização desse quadro tem como objetivo evidenciar o processo de circulação e incorporação de unidades lexicais africanas no português brasileiro, especialmente na variedade baiana, destacando as transformações fonológicas, ortográficas e semânticas ocorridas ao longo do contato linguístico.

Quadro 4 – Léxico proveniente do kimbundu nas variedades brasileiras do português.

Palavra	Língua de origem	Forma original	Significado original	Mudança ortográfica e fonológica	Uso atual na Bahia
Caçula	Kimbundu	Kasule	Filho mais novo	Substituição de k por c e adaptação da terminação -ule para -ula , adequando-se à fonologia do português.	Filho mais novo da família
Moleque	Kimbundu	Muleke	Menino	Acréscimo da vogal o na sílaba inicial e adaptação gráfica para as convenções ortográficas do português.	Jovem, garoto
Dengo	Kimbundu	Ndengu	Carinho, mimo	Supressão da consoante inicial n e adaptação da terminação -u para -o .	Afeto, manha
Quitanda	Kimbundu	Kitanda	Feira, mercado	Substituição de k por qu , conforme a ortografia portuguesa, mantendo estrutura fonética semelhante.	Comércio de alimentos
Cachaça	Kimbundu	Kashaça	Bebida fermentada	Substituição de k por c e adequação gráfica às normas do português, preservando pronúncia próxima da original.	Bebida alcoólica brasileira

Fonte: Adaptado a partir dos dados da pesquisa

A permanência dessas palavras demonstra que as contribuições africanas não constituem elementos periféricos da língua portuguesa no Brasil, mas parte essencial de sua estrutura histórica e cultural. As palavras de origem africana incorporadas ao português brasileiro passaram por processos de adaptação ortográfica, semântica e fonológica para se adequar às estruturas linguísticas da língua portuguesa. Por exemplo, a palavra *kasule* significava (lá em Angola): “rapaz, garoto, criado de servir; clamor que se ouve ao longe, que alcança (apontando ao longe), apontando ou arremessando; cursista; tecelão” (Junior, 1977, p.307). Essas transformações ocorreram principalmente porque muitos sons presentes nas línguas bantu, como o kimbundu, não possuíam representação idêntica no sistema fonético e ortográfico do português.

Dessa forma, fonemas e grafias foram modificados sem que houvesse, necessariamente, perda do significado original das palavras. Exemplos desse processo podem ser observados em *Kasule*, que se transformou em *caçula*, com substituição da letra **k** pela letra **c** e adaptação da terminação para uma forma mais compatível com o padrão fonológico do português; em *Kitanda*, que originou *quitanda*, por meio da substituição de **k** por **qu**; e em *Ndengu*, que deu origem a *denço*, com a supressão da consoante inicial **n** e simplificação da estrutura fonética. Essas adaptações demonstram como o contato linguístico promoveu a integração de vocábulos africanos ao português brasileiro, preservando importantes elementos semânticos e culturais ao mesmo tempo em que os adequava às normas fonéticas e ortográficas da língua receptora.

Além do valor linguístico, esses vocábulos representam formas de resistência histórica e preservação identitária. Mesmo diante das violências produzidas pela escravidão e pelo racismo estrutural, as populações africanas conseguiram manter vivas importantes referências culturais por meio da linguagem. Assim, estudar as transformações das línguas africanas no português Bahia significa reconhecer a centralidade da população negra na formação histórica, cultural e linguística da Bahia e do Brasil.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa permitiu compreender que a influência das línguas angolanas no português da Bahia ultrapassa a simples incorporação lexical. Trata-se de um fenômeno histórico, cultural, social e identitário profundamente relacionado à formação da sociedade baiana e às experiências da diáspora africana no Brasil. As palavras de origem africana presentes no cotidiano da Bahia constituem vestígios vivos da presença negra no país. Mais do que unidades linguísticas isoladas, esses vocábulos preservam memórias coletivas, práticas culturais, religiosidades, formas de organização social e estratégias de resistência construídas ao longo dos séculos.

Os resultados da pesquisa demonstraram que o léxico de origem angolana permanece particularmente presente nos campos da culinária, da religiosidade, da musicalidade, da afetividade e da oralidade popular. Verificou-se também que muitos desses termos passaram por adaptações fonéticas, morfológicas e semânticas ao serem incorporados ao português brasileiro, adequando-se às estruturas da língua sem perder completamente seus vínculos com as matrizes africanas que lhes deram origem. Tais constatações reforçam o entendimento de que as línguas africanas desempenharam papel fundamental na constituição do português falado

no Brasil e, especialmente, na formação da identidade linguística da Bahia.

Os objetivos propostos foram plenamente alcançados. Foi possível identificar vocábulos de origem angolana presentes na fala baiana, analisar os processos de manutenção e transformação dessas unidades lexicais, compreender sua permanência em diferentes práticas culturais e discutir a língua como espaço de preservação da memória afro-diaspórica e de construção das identidades negras. Da mesma forma, as hipóteses inicialmente formuladas foram confirmadas pelos dados analisados. Constatou-se que os vocábulos de origem angolana concentram-se, sobretudo, em campos semânticos ligados à culinária, à musicalidade, à religiosidade e à oralidade popular; que passaram por processos de adaptação linguística ao longo do tempo; e que sua permanência constitui evidência de resistência cultural e de preservação da memória afrodescendente na Bahia.

Os dados analisados também revelaram que a afrodescendência não deve ser compreendida apenas a partir de critérios fenotípicos ou genealógicos. A herança africana manifesta-se igualmente por meio da língua, das formas de expressão, dos saberes transmitidos oralmente e das marcas culturais inscritas no cotidiano dos falantes. Nesse sentido, a pesquisa evidencia que a língua funciona como um importante marcador de pertencimento, memória e identidade, tornando-se um espaço privilegiado de preservação das heranças africanas.

Por fim, este trabalho defende que a discussão sobre afrodescendência precisa incorporar, de maneira mais consistente, a dimensão linguística. Durante muito tempo, as contribuições africanas para a formação do português brasileiro foram secundarizadas ou invisibilizadas por perspectivas eurocêntricas que privilegiaram apenas as matrizes europeias da língua. Entretanto, os resultados aqui apresentados demonstram que a história da população negra também está inscrita nas palavras, nos sons, nas expressões e nas formas de comunicação que compõem o português da Bahia. Reconhecer essa realidade significa compreender que a afrodescendência também se fala. A língua, portanto, não é apenas reflexo da identidade afrodescendente, mas um de seus mais importantes instrumentos de preservação, afirmação e continuidade histórica, constituindo um dos principais marcadores da presença africana na formação cultural e social da Bahia e do Brasil. Nessa perspectiva, esta pesquisa também reforça a necessidade de que o ensino de Língua Portuguesa incorpore, de forma efetiva, as contribuições das línguas africanas e indígenas para a formação do português brasileiro, em consonância com a Lei nº 10.639/2003, posteriormente ampliada pela Lei nº 11.645/2008. Compreender a história da língua significa reconhecer que o português falado na Bahia foi constituído pelo intenso contato entre diferentes povos e tradições linguísticas, entre elas as línguas angolanas, como o kimbundu e o kikongo, além das línguas indígenas que contribuíram

para a formação histórica, cultural e linguística do Brasil. Nesse sentido, torna-se fundamental que os estudantes conheçam não apenas a origem de vocábulos incorporados ao português, mas também os povos, as etnias e os territórios de onde essas línguas se originaram, compreendendo que elas integram o patrimônio histórico, cultural e linguístico brasileiro. A inserção dessa abordagem no ensino de Língua Portuguesa contribui para a efetivação de uma educação antirracista, para a valorização da diversidade linguística e para o reconhecimento das contribuições africanas e indígenas na constituição da língua portuguesa falada no Brasil, fortalecendo a memória, a identidade e o pertencimento das populações historicamente invisibilizadas.

REFERÊNCIAS

- AGUALUSA, José Eduardo. *Uma conjura*. Lisboa: Editorial Caminho, 2008.
- ANGOLA. *Constituição da República de Angola*. Luanda: Assembleia Nacional, 2010.
- ASSIS JÚNIOR, António de. *Dicionário kimbundu-português: linguístico, botânico, histórico e corográfico*. Luanda: Agência Geral das Colónias, 1977.
- BAGNO, Marcos. *Português: um idioma em transformação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 56. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 2, p. 81-118, 1998.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- CALVET, Louis-Jean. *Linguística e colonialismo: a língua como instrumento de dominação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. *A influência das línguas africanas no português brasileiro*. Vitória: Secretaria da Educação do Espírito Santo, 2022.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. *Camões com dendê: o português do Brasil e os falares afro-brasileiros*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2022.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001.

COSTA, Luiz Antônio. *Os primeiros contatos: os índios na história do Brasil colonial*. São Paulo: Atual, 1992.

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília, DF: Thesaurus, 2007.

FERREIRA DA SILVA, Denise. *A dívida impagável*. São Paulo: Oficina de Imaginação Política / Living Commons, 2019.

FERREIRA, Suzana Alice da Silva. *Pluralidade linguística e construção da identidade nacional em Angola*. Lisboa: Lidel, 2014.

FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida. *Africa no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008.

GALVES, Charlotte; GARMES, Helder; RIBEIRO, Fernando Rosa. *África-Brasil: caminhos da língua portuguesa*. São Paulo-UNILCAMP, 2009.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GONÇALVES, Perpétua. Políticas linguísticas em contextos africanos pós-coloniais: dilemas e desafios. *Revista de Estudos Linguísticos*, vol. 24, n. 2, p. 45-63, 2018.

INE – Instituto Nacional de Estatística de Angola. *Resultados definitivos do Censo Geral da População e Habitação 2014*. Luanda: INE, 2016.

LOPES, Armindo. *A situação linguística de Angola: questões, desafios e perspectivas*. Luanda: Mayamba, 2013.

LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2009.

MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

OLIVEIRA, João Pacheco de. *O nascimento do Brasil e outros ensaios: sociedade, cultura e povoamento*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2016.

PETTER, Margarida. *Introdução à linguística africana*. São Paulo: Contexto, 2015.
REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas indígenas brasileiras*. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília, 2013.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, vol. 9, n. 1, p. 83-103, 1993.

TIMBANE, Alexandre Antônio; TAMBA, Pansau. A política linguística na África e situação das línguas autóctones na educação. *Revista Digital de Políticas Linguísticas*, vol. 12, p. 85-105, 2020.

APÊNDICE

Categoria A – Influência das línguas africanas no português baiano

A influência das línguas africanas no português falado no Brasil, em especial na culinária baiana. 2022. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2022. Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/3031/1/2022_mono_dianaboamorte.pdf.

A sobrevivência das línguas africanas no Brasil: sua influência na linguagem popular da Bahia. 2017. Trabalho acadêmico – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/3626>.

Medina e Salvador: contatos linguísticos, dinâmicas identitárias e herança africana na fala de comunidades afrodescendentes. Dissertação (Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, s.d. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/27534>.

O português afro-brasileiro e a constituição da norma urbana de Salvador. Dissertação (Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, s.d. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/11025>.

Africanismos no português brasileiro: aspectos fonético-fonológicos e a fala de Salvador. Dissertação (Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, s.d. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/18817/1/TTSOliveira.pdf>.

Línguas africanas no Brasil: a contribuição do banto para a fonologia do português baiano. Artigo científico – Universidade de São Paulo, São Paulo, s.d. Disponível em: <https://revistas.usp.br/africa/article/download/96063/95300/165659>.

Influência Jeje-Nagô no falar das comunidades tradicionais de Cachoeira e São Félix. Dissertação (Letras) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, s.d. Disponível em: <https://repositorio.ufrb.edu.br/handle/123456789/2640>.

A presença do iorubá no português falado em Salvador: análise fonética e lexical. Dissertação (Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, s.d. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/18320>.

Processo de crioulistização e a influência banta na sintaxe do português baiano. Monografia (Letras) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, s.d. Disponível em: <http://www.uesb.br/biblioteca/tcc/letras/crioulizacao-bahia.pdf>.

A participação das línguas bantas na reestruturação do português do Brasil: evidências na fala popular da Bahia. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, s.d. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-03022010-154432/pt-br.php>.

Categoria B – Relevância da afrodescendência a partir do léxico na Bahia

Influência de línguas africanas no português brasileiro: um olhar voltado para o léxico. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/5948/1/Victor%20Emanuel%20B Barros%20da%20Silva.pdf>.

Lexicografia e herança africana: mapeamento do vocabulário religioso de matrizes africanas no Recôncavo baiano. Dissertação (Letras) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, s.d. Disponível em: <https://repositorio.ufrb.edu.br/handle/123456789/1520>.

Do quimbundo ao português baiano: um estudo histórico-linguístico sobre a persistência lexical. Artigo científico – s.l., s.d. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/revista-letras-bahia/article/view/1430>.

África na Bahia: identidade, memória e o léxico cotidiano no Recôncavo. Dissertação (História) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, s.d. Disponível em: https://ufrb.edu.br/mphistoria/images/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Turma_2014/Maria_Cristina_de_Santana_Melo.pdf.

Léxico e culinária de terreiro: a herança iorubá na gastronomia de Salvador. Dissertação (Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, s.d. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34120>.

A influência do quimbundo e do iorubá no léxico urbano de Feira de Santana. Dissertação (Letras) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, s.d. Disponível em: <http://repositorio.uefs.br/handle/123456789/742>.

Marcas linguísticas da afrodescendência: o léxico quilombola no interior baiano. Dissertação (Letras) – Universidade do Estado da Bahia, s.d. Disponível em: <https://repositorio.uneb.br/handle/uneb/321>.

Relevância da afrodescendência no léxico botânico e medicinal tradicional de Salvador. Dissertação (Letras) – Universidade do Estado da Bahia, s.d. Disponível em: <https://repositorio.uneb.br/handle/uneb/1423>.

Do candomblé à rua: a circulação de termos de origem africana no falar soteropolitano. Dissertação (Letras) – Universidade Salvador, Salvador, s.d. Disponível em: <https://repositorio.unifacs.br/handle/ri/523>.

O léxico de matriz africana na Ilha de Itaparica: preservação e variação linguística. Dissertação (Letras) – Universidade do Estado da Bahia, s.d. Disponível em: <https://repositorio.uneb.br/handle/uneb/2844>.

Categoria C – Formação do português brasileiro/baiano

Contribuições das línguas africanas no português brasileiro: análise em livros didáticos. Monografia – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, s.d. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/7544/1/Francisca%20Emily%20Gino%20Moreira.pdf>.

A língua de Camões com Iemanjá: a influência das línguas africanas no português brasileiro. Dissertação – s.l., s.d. Disponível em: <https://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:195220/FULLTEXT01.pdf>.

A formação histórica do português na Bahia: o contato entre o português quinhentista e as línguas da Costa da Mina. Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Salvador, s.d. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/13442>.

Sociolinguística histórica da Bahia: o impacto das línguas bantas na morfossintaxe do português vernáculo. Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Salvador, s.d. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/10432>.

Mudança linguística e contato de línguas: o peso do elemento africano no português do Brasil. Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Salvador, s.d. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/11254>.

A configuração do português baiano: reestruturação e influência das línguas banto e iorubá. Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Salvador, s.d. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/12111>.

O léxico afro-brasileiro nas feiras livres do Recôncavo Baiano. Dissertação – Universidade do Estado da Bahia, s.d. Disponível em: <https://repositorio.uneb.br/handle/uneb/921>.

Contato linguístico e transmissão linguística irregular no português da Bahia. Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Salvador, s.d. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/14210>.

Reconstruindo a história linguística da Bahia: as línguas da Costa do Ouro na formação do falar baiano. Dissertação – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, s.d. Disponível em: <http://nbcgib.uesc.br/repositorio/handle/123456789/340>.

O elemento banto no português do Brasil: análise lexical do falar de comunidades rurais baianas. Dissertação – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, s.d. Disponível em: <http://repositorio.uefs.br/handle/123456789/4>